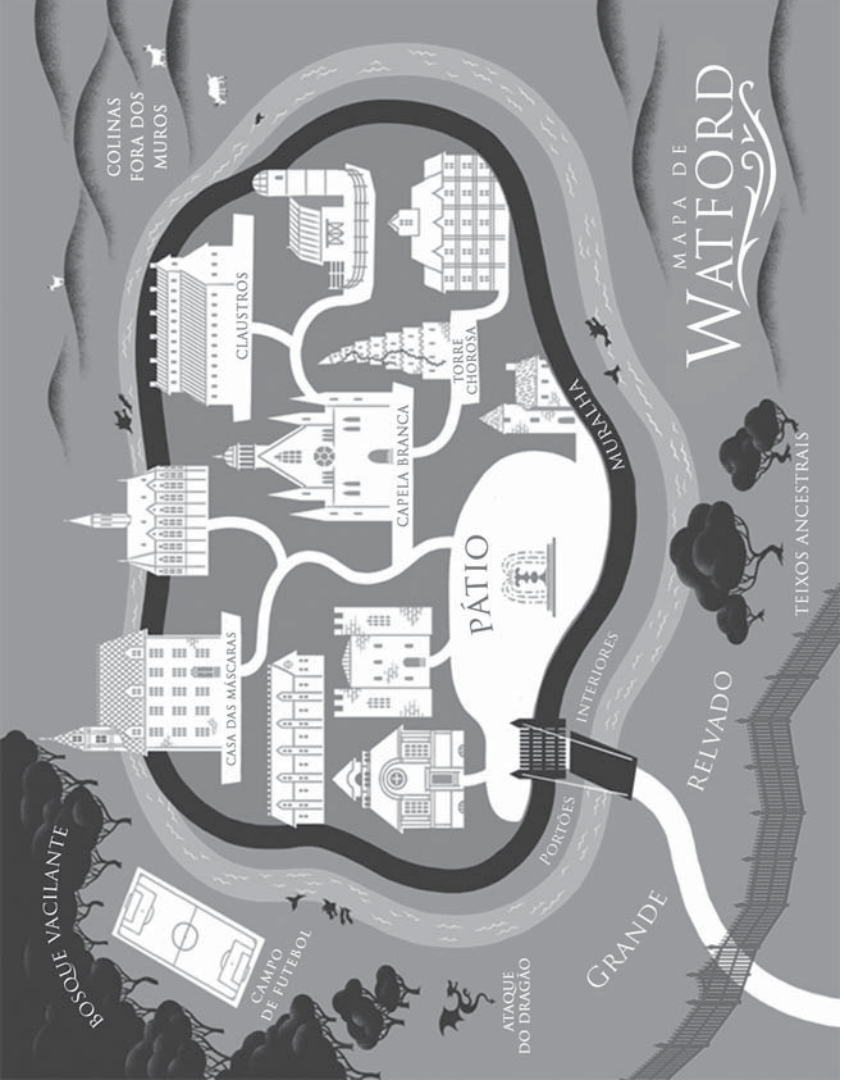


carry on
a história de simon snow
rainbow rowell

Tradução de Fernanda Semedo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



COLINAS
FORA DOS
MUROS

MAPA DE
WATFORD

BOSQUE
VACILANTE

CAMPO
DE FUTEBOL

ATAQUE
DO DRAGAO

TEIXOS ANCESTRAIS

RELVADO
GRANDE

CLAUSTROS

TORRE
CHOROSA

CAPELA
BRANCA

PÁTIO

CASA DAS
MÁSCARAS

MURADOURAS

PORTÕES
INTERIORES

*Para Laddie e Rosey —
Que possam travar as vossas próprias batalhas
E forjar as vossas próprias asas*



LIVRO 1

1

SIMON

Vou para o terminal de autocarros sozinho.

Há sempre uma grande confusão com a minha papelada na hora da partida. Durante todo o verão, não temos sequer licença para ir ao Tescos sem um acompanhante e autorização da Rainha — e depois, no outono, assino a minha saída da instituição e parto.

— Ele vai para uma escola *especial* — explica uma das senhoras da secretaria à outra quando eu saio. Estão sentadas num cubículo de acrílico e entrego os meus papéis através de uma ranhura. — É uma escola para delinquentes graves — diz ela muito baixinho.

A outra mulher nem sequer levanta os olhos.

É sempre assim todos os anos em setembro, embora eu nunca esteja duas vezes na mesma instituição.

Da primeira vez, tinha eu 11 anos, o Mago foi em pessoa buscar-me para me levar à escola. No ano seguinte, porém, disse-me que eu podia viajar sozinho para Watford. «Mataste um dragão, Simon. Com certeza aguentarás uma longa caminhada e uns quantos autocarros.»

Eu não tivera intenção de matar aquele dragão. Acho que ele não me ia magoar. (Às vezes ainda sonho com isso. A maneira como o fogo o consumiu de dentro para fora, como uma queimadura de cigarro a consumir um pedaço de papel.)

Chego ao terminal de autocarros e como um chocolate de menta

enquanto espero pelo meu primeiro autocarro. Depois deste, apanho outro autocarro. E depois um comboio.

Assim que me instalo no comboio, tento dormir com o meu saco no colo e os pés em cima do assento da frente — mas um homem, algumas filas atrás, não para de olhar para mim. Sinto os olhos dele a arrastarem-se no meu pescoço.

Pode ser só um pervertido. Ou um polícia.

Mas também pode ser um caçador de recondentes que sabe que tenho a cabeça a prémio... («Diz-se caçador de *recompensas*», disse eu à Penelope da primeira vez que combatemos um. «Não, são recondentes», insistiu ela, «porque os dentes são a única coisa que sobra se te apanharem.»)

Mudo de carruagem e desisto de tentar dormir. Quanto mais me aproximo de Watford, mais inquieto me sinto. Todos os anos penso em saltar do comboio e fazer um feitiço que me transporte até à escola, nem que isso me ponha em coma.

Podia lançar ao comboio um **Despacha-te!**, mas é um feitiço incerto, na melhor das hipóteses, e os primeiros feitiços que lanço no início do ano letivo são sempre especialmente arriscados. Devo praticar durante o verão — feitiços pequenos e previsíveis quando ninguém estiver a ver. Como acender as luzes de presença. Ou transformar maçãs em laranjas.

— Faz feitiços para os teus botões e atacadores se fecharem sozinhos — sugeriu a Menina Possibelf. — Esse género de coisas.

— Uso sempre só um botão — respondi-lhe, corando quando ela baixou o olhar para as minhas calças de ganga.

— Então usa a tua magia para as tarefas domésticas — lembrou ela. — Lavar a loiça, polir as pratas.

Não me dei ao trabalho de dizer à Menina Possibelf que as minhas refeições de verão são servidas em pratos descartáveis e só nos dão talheres de plástico (garfos e colheres, nunca facas).

Também não me dei ao trabalho de praticar a magia este verão.

É aborrecido. E inútil. E não se pode dizer que *ajude*. Praticar não me torna um mágico melhor; só me faz explodir...

Ninguém sabe porque é que a minha magia é como é. Porque é que explode como uma bomba em vez de fluir através de mim como um maldito ribeiro, ou lá como é que isto funciona para as outras pessoas.

— Não sei — respondeu a Penelope quando lhe perguntei como sentia a magia. — Acho que a sinto como um poço dentro de mim. Tão profundo que não vejo nem consigo imaginar o fundo. Mas, em vez de mandar baldes

lá para baixo, só penso em os trazer para cima. E ela está ali para mim — toda a que preciso, desde que me mantenha concentrada.

A Penelope está sempre concentrada. Além disso, é poderosa.

A Agatha não. Não tanto, pelo menos. E a Agatha não gosta de falar sobre a sua magia.

Uma vez, no Natal, mantive a Agatha acordada até ela estar cansada e tola, e ela disse-me que, para ela, lançar um feitiço era como fletir um músculo e mantê-lo fletido.

— Como um *croisé devant* — explicou. — Percebes?

Eu abanei a cabeça.

Ela estava deitada num tapete de pele de lobo em frente da lareira, toda enrolada como um gatinho giro.

— É balé — disse. — É como manter a posição o máximo de tempo que puder.

O Baz disse-me que, para ele, é como acender um fósforo. Ou premir um gatilho.

Ele não me queria dizer isso. Foi quando estávamos no Bosque a combater a quimera, no quinto ano. Esta tinha-nos encurralado, e o Baz não era suficientemente poderoso para a combater sozinho. (O *Mago* não é suficientemente poderoso para combater uma quimera sozinho.)

— Fá-lo, Snow! — gritou-me o Baz. — Fá-lo. Solta-te, caramba. Agora!

— Não consigo — tentei dizer-lhe. — Não é assim que funciona.

— O raio é que não funciona!

— Não posso simplesmente ligá-la! — disse eu.

— *Tenta!*

— *Não consigo, caramba!*

Eu estava a sacudir a minha espada de um lado para o outro — já era bastante bom com uma espada aos 15 anos — mas a quimera não era corpórea. (O que é a minha triste sorte, quase sempre. Assim que se começa a usar uma espada, todos os inimigos são feitos de bruma ou de teias de aranha.)

— Fecha os olhos e acende um fósforo — disse-me o Baz. Estávamos ambos a tentar esconder-nos atrás de uma rocha. O Baz lançava feitiços uns atrás dos outros; estava praticamente a entoá-los.

— Quê?

— Era o que a minha mãe dizia — explicou ele. — Acende um fósforo no teu coração, depois sopra a mecha.

Com o Baz, é sempre fogo. Surpreende-me que ainda não me tenha incinerado. Ou queimado no tronco.

Quando estávamos no terceiro ano, ele costumava ameaçar-me com um funeral viking.

— Sabes o que isso é, Snow? Uma pira ardente, lançada ao mar. Podíamos fazer o teu em Blackpool, para os pirosos dos teus amigos Normais poderem ir.

— Vai-te lixar — dizia eu, tentando ignorá-lo.

Nunca sequer tive amigos Normais, pirosos ou não.

Toda a gente no mundo Normal foge de mim, se puder. A Penelope diz que sentem o meu poder e, instintivamente, acobardam-se. Como cães que não conseguem fazer contacto visual com os donos. (Não que eu seja dono de ninguém, não é isso que quero dizer.)

Seja como for, funciona ao contrário com os mágicos. As pessoas adoram o cheiro da magia; tenho de me esforçar muito para que me odeiem.

A menos que se trate do Baz. Ele é imune. Talvez tenha construído uma tolerância à minha magia por ter partilhado um quarto comigo todos os períodos escolares durante sete anos.

Na noite em que combatemos a quimera, o Baz não parou de gritar comigo até eu explodir.

Acordámos ambos algumas horas mais tarde num poço escuro. O rochedo atrás do qual nos tínhamos escondido era poeira, e a quimera tornara-se vapor. Ou talvez se tivesse ido embora.

O Baz tinha a certeza de que eu lhe chamuscara as sobrancelhas, mas a mim parecia-me que ele estava bem — nem um cabelo fora do sítio.

Típico.

2

SIMON

Durante o verão, não me permito pensar em Watford.

Depois do meu primeiro ano ali, quando tinha 11 anos, não pensei noutra coisa o verão inteiro. Pensava em toda a gente que conhecera na escola — a Penelope, a Agatha, o Mago. Pensava nas torres e nos campos. Nos chás. Nos pudins. Na *magia*. No facto de *eu* ser mágico.

Acabei por ficar doente de pensar tanto na Escola de Magia de Watford — por sonhar acordado com ela — até que isso me começou a parecer apenas um sonho acordado. Só mais uma fantasia para matar o tempo.

Como quando sonhava em me tornar futebolista — ou que os meus pais, os meus pais verdadeiros, me viriam buscar...

O meu pai seria futebolista. E a minha mãe seria uma modelo elegante. E iam explicar-me que tinham desistido de mim porque eram demasiado jovens para ter um bebé, e porque a carreira do meu pai estava em jogo. «Mas sentimos sempre a tua falta, Simon», diriam eles. «Temos-te procurado». E, então, levavam-me para viver na sua mansão.

Mansão de futebolista... Escola Interna de Magia...

Ambos parecem uma porcaria à luz do dia. (Especialmente quando acordas num quarto com mais sete miúdos descartados.)

No primeiro verão, eu espremera a memória de Watford até esta ser uma polpa na altura em que o meu bilhete de autocarro e os meus documentos me foram apresentados no outono, juntamente com uma nota escrita pelo próprio Mago...

Real. Era tudo real.

Então, no verão *seguinte*, depois do meu segundo ano em Watford, não me permiti pensar em magia nem por um segundo. Durante meses. Fechei-me completamente à magia. Não lhe senti a falta. Não a desejava.

Decidi deixar que o Mundo dos Mágicos me chegasse como um grande presente de surpresa em setembro, se chegasse. (E chegava. Até agora, chegou sempre.)

O Mago dizia que talvez um dia me deixasse passar os verões em Watford — ou talvez mesmo com ele, seja lá onde for que ele passe todo o verão.

Mas depois decidiu que era melhor eu passar uma parte do ano com os Normais. Para me manter próximo da linguagem e alerta: «Que as dificuldades afiem a tua espada, Simon.»

Pensei que falava da minha espada verdadeira, a Espada dos Magos. Acabei por perceber que se referia a mim.

Eu sou a espada. A espada do Mago. Não estou certo de que estes verões em lares de crianças me tornem mais afiado... Mas tornam-me mais esfo-meado. Fazem-me desejar Watford como, sei lá, como a própria vida.

Baz e os do seu lado — todas as famílias antigas e ricas — não acreditam que alguém possa compreender a magia como eles. Acham que são os únicos em quem se pode confiar nesse aspeto.

Mas ninguém *ama* a magia como eu.

Nenhum dos outros mágicos — nenhum dos meus colegas de turma, nenhum dos seus pais — sabe o que é viver sem magia.

Sou o único que sabe.

E farei tudo para garantir que ela esteja sempre aqui e que eu possa voltar para ela.

* * *

Tento não pensar em Watford quando não estou lá — mas este verão foi praticamente impossível.

Depois de tudo o que aconteceu no ano passado, nem acreditava que o Mago prestasse atenção a algo como o fim do trimestre. Quem interrompe uma guerra para mandar os miúdos para casa, para as férias de verão?

Além disso, já *não* sou um miúdo. Legalmente, podia ter deixado as instituições para órfãos aos 16 anos. Podia ter arranjado um apartamento para mim algures. Talvez em Londres. (Posso pagar. Tenho um saco cheio de ouro de duende — um saco grande, do tamanho de um saco de viagem, e este só desaparece se tentar dá-lo a outros mágicos.)

Mas o Mago mandou-me para outra instituição infantil, como sempre faz. Continua a mover-me de um lado para o outro, como no truque da ervilha debaixo da concha, depois de todos estes anos. Como se eu pudesse ficar seguro aí. Como se o Humdrum não pudesse convocar-me, ou lá o que é que ele fez comigo e com a Penelope no fim do período passado.

— Ele consegue *convocar-te*? — perguntou a Penny assim que nos livrámos dele. — Através de uma extensão de água? Isso não é possível, Simon. Não existe precedente.

— Da próxima vez que ele me convocar como um demónio em forma de esquilo — retorqui —, hei de dizer-lhe isso!

A Penelope tivera a pouca sorte de estar a segurar-me no braço quando eu fui arrebatado, pelo que foi arrebatada comigo. Se não fosse pela sua presença de espírito, nenhum de nós tinha escapado.

— Simon — disse ela nesse dia, quando finalmente nos encontrávamos no comboio de volta a Watford. — Isto é sério.

— Por Siegfried e o maldito Roy, Penny, eu sei que é sério. Ele tem o meu número. Nem eu próprio tenho o meu número, mas o Humdrum tem-no apontado.

— Como é que podemos ainda saber tão pouco acerca dele? — disse ela irritada. — Ele é tão...

— Insidioso — disse eu. — «O Insidioso Humdrum» e essas histórias.

— Para de implicar, Simon. Isto é *sério*.

— Eu sei, Penny.

Quando voltámos para Watford, o Mago ouviu-nos e assegurou-se de que não estávamos magoados, mas depois mandou-nos à nossa vida. Simplesmente... mandou-nos para casa.

Não fazia sentido nenhum.

Então, *claro*, passei este verão inteiro a pensar em Watford. Acerca de tudo o que aconteceu e acerca de tudo o que *podia* acontecer e tudo o que está em jogo... Cisme!

Mas continuei a não me permitir regozijar com nenhuma das coisas *boas*, percebem? São as coisas boas que nos enlouquecem de saudades.

Tenho uma lista — de todas as coisas de que tenho mais saudades — e não tenho permissão para a consultar até me encontrar a cerca de uma hora de Watford. Depois percorro a lista, item a item. É mais ou menos como metermo-nos dentro de água fria. Mas o oposto disso, creio eu — metermo-nos dentro de algo realmente bom, para que o choque não nos atormente.

Comecei a fazer a minha lista, a minha lista das coisas boas, quando tinha 11 anos, e acho que já podia riscar alguns itens, mas é mais difícil do que parece.

Seja como for, agora estou a cerca de uma hora da escola, pelo que pego mentalmente na minha lista e encosto a testa à janela do comboio.

Coisas de Watford de que tenho mais saudades:

Nº 1 — *Scones* de ginja

Antes de Watford, nunca tinha comido *scones* de ginja. Só os de passas — e, ainda mais frequentemente, simples, e era sempre uma coisa que vinha da loja e depois era deixada num forno por demasiado tempo.

Em Watford, se quisermos, há *scones* de ginja acabadinhos de fazer todos os dias ao pequeno-almoço. E outra vez à tarde, com o chá. Tomamos o chá no refeitório depois das aulas, antes dos clubes, do futebol e dos trabalhos de casa.

Tomo sempre chá com a Penelope e a Agatha, e sou sempre o único que come os *scones*. «O jantar é daqui a duas horas, Simon», censura-me a Agatha, mesmo depois destes anos todos. Uma vez a Penelope tentou calcular quantos *scones* eu tinha comido desde que entrei para Watford, mas fartou-se antes de chegar à resposta.

Simplesmente, não consigo passar sem os comer se eles estiverem ali. São macios e leves e um pouco salgados. Por vezes, sonho com eles.

Nº 2 — Penelope

Este ponto da lista costumava pertencer ao «rosbife». Mas há alguns anos decidi limitar-me só a uma comida. De outro modo, a lista transforma-se na canção da comida do musical *Oliver!*, e dá-me tanta fome que me dói o estômago.

Se calhar, devia pôr a Agatha antes da Penelope; a Agatha é a minha namorada. Mas a Penelope chegou primeiro à lista. Tornou-se minha amiga na primeira semana de escola, durante a lição de Palavras Mágicas.

Não sabia o que pensar dela quando nos conhecemos — uma raparigui-nha pequena e rechonchuda, com pele castanha-clara e brilhantes cabelos vermelhos. Usava uns óculos pontiagudos, daqueles que usamos se formos vestidos de bruxa a um baile de máscaras, e um gigantesco anel púrpura pesava-lhe na mão direita. Estava a tentar ajudar-me com uma tarefa e acho que eu estava apenas a fitá-la.

— Sei que tu és o Simon Snow — disse ela. — A minha mãe disse-me que estarias cá. Ela diz que és muito poderoso, talvez mesmo mais do que eu. Chamo-me Penelope Bunce.

— Não sabia que alguém como tu podia chamar-se Penelope — disse eu. Estupidamente. (Tudo o que eu disse nesse ano foi estúpido.)

Ela franziu o nariz.

— Como devia chamar-se «alguém como eu»?

— Não sei. — *Não sabia*. As outras raparigas que eu tinha conhecido parecidas com ela chamavam-se Saanvi ou Aditi — e, definitivamente, não eram ruivas. — Saanvi?

— Alguém como eu pode chamar-se qualquer coisa — disse a Penelope.

— Oh — disse eu. — Está bem, desculpa.

— E podemos fazer o que quisermos com o nosso cabelo. — Voltou a concentrar-se na tarefa, sacudindo o seu rabo de cavalo vermelho. — É inde-licado ficar a olhar fixamente, sabes, mesmo para os teus amigos.

— Nós *somos* amigos? — perguntei-lhe. Mais surpreendido que outra coisa.

— Estou a ajudar-te com a tua lição, não estou?

Era verdade. Tinha acabado de me ajudar a encolher uma bola de futebol até ao tamanho de um berlinde.

— Pensei que estavas a ajudar-me por eu ser estúpido — disse eu.

— Toda a gente é estúpida — respondeu ela. — Estou a ajudar-te porque gosto de ti.

Acontece que o cabelo dela ficara daquela cor por acidente, quando ela

tentava um novo feitiço — mas usou-o ruivo durante todo o primeiro ano. No ano seguinte, experimentou o azul.

A mãe da Penelope é indiana e o pai é inglês — na verdade, são ambos ingleses; a parte indiana da família vive em Londres há séculos. Ela disse-me mais tarde que os pais a tinham avisado para se manter longe de mim na escola.

— A minha mãe disse que ninguém sabe exatamente de onde vens. E que podias ser perigoso.

— Porque não lhe deste ouvidos? — perguntei.

— Porque ninguém sabia de onde vinhas, Simon! E podias ser perigoso!

— Tens os *piores* instintos de sobrevivência.

— Além disso, tive pena de ti — disse ela. — Estavas a segurar a tua varinha ao contrário.

Tenho saudades da Penny todos os verões, mesmo quando digo a mim próprio que não tenha. O Mago diz que ninguém pode escrever-me ou telefonar-me durante as férias, mas a Penny arranja sempre maneira de me mandar mensagens: uma vez possuiu o velhote da loja, aquele que se esquece sempre de pôr a dentadura — e falou através dele. Foi agradável ter notícias dela, mas foi tão perturbador que lhe pedi que não voltasse a fazê-lo, a menos que se tratasse de uma emergência.

Nº 3 — O campo de futebol

Não jogo tanto futebol como jogava. Não sou suficientemente bom para jogar na equipa da escola e, além disso, estou sempre metido em qualquer esquema ou drama, ou estou fora, numa missão para o Mago. (Não se pode confiar em alguém para defender golos quando o maldito Humdrum tem capacidade para te convocar sempre que lhe dá na veneta.)

Mas jogo. E é um campo perfeito: relva maravilhosa. A única parte plana dos terrenos. Árvores bonitas e com boa sombra ali perto, debaixo das quais nos podemos sentar a assistir aos jogos...

O Baz joga pela nossa escola. Claro. O cabrão.

Em campo, ele é o mesmo que em todo o lado. Forte. Gracioso. Implacável como o raio.

Nº 4 — O meu uniforme escolar

Pu-lo na lista quando tinha 11 anos. Têm de compreender que, quando tive o meu primeiro uniforme, foi a primeira vez que tive roupas que eram mesmo do meu tamanho, a primeira vez na vida que usei um *blazer* e gravata. De

repente senti-me alto e betinho. Até o Baz entrar no nosso quarto, muito mais alto do que eu — e mais beto que toda a gente.

Existem oito anos em Watford. Os do primeiro e segundo anos usam *blazers* às riscas — dois tons de púrpura e dois tons de verde — com calças verdes-escuras, camisola verde e gravata vermelha.

Nos campos, tem de se usar chapéu de palha até ao sexto ano — o que, na verdade, não passa de um teste para ver se o teu **Fica Quiet!** é bastante forte para manteres um chapéu na cabeça. (Era sempre a Penny que enfeitava o meu por mim. Se fosse eu a fazê-lo, acabaria a dormir dentro do maldito.)

Todos os outonos, quando chego à escola e entro no meu quarto, há um uniforme novinho em folha à minha espera. Está estendido na minha cama, limpo e engomado, e serve-me perfeitamente, por mais que eu tenha mudado ou crescido.

Os anos mais avançados — sou eu, agora — usam *blazers* verdes debruados a branco. E camisolas vermelhas, se quisermos. As capas também são opcionais; eu nunca uso porque me fazem sentir um palerma, mas a Penny gosta. Diz que a faz sentir como a Stevie Nicks.

Eu gosto do uniforme. Gosto de saber o que vou usar todos os dias. Não sei o que vou vestir no ano que vem, quando sair de Watford...

Pensei que podia juntar-me aos Homens do Mago. Eles têm os seus próprios uniformes — uma espécie de Robin dos Bosques *meets* MI6. Mas o Mago diz que não é esse o meu caminho.

É assim que ele fala comigo. «Não é esse o teu caminho, Simon. O teu destino está noutra sítio.»

Ele quer que eu fique à parte de todos os outros. Treino separado. Aulas especiais. Acho que nem me deixaria frequentar a escola de Watford se não fosse ele o diretor — e se não pensasse que era o sítio mais seguro para mim.

Se eu perguntasse ao Mago o que deveria vestir depois de sair de Watford, ele provavelmente equipava-me como um super-herói...

Mas não vou perguntar a ninguém o que devo vestir quando acabar a escola. Terei 18 anos. Hei de vestir-me sozinho.

Ou a Penny ajuda-me.

Nº 5 — O meu quarto

Devia dizer «o nosso quarto» mas não tenho saudades da parte de o partilhar com o Baz.

Em Watford, o teu quarto e o teu companheiro de quarto são-te atribuídos

no primeiro ano, e nunca se muda. Nunca tens de fazer as malas nem arrancar os cartazes da parede.

Partilhar um quarto com alguém que me quer matar, que sempre me quis matar desde que tínhamos 11 anos, tem sido... Bem, tem sido uma treta, não é?

Mas talvez o Caldeirão se sentisse mal por me ter juntado com o Baz (não literalmente; não *julgo* que o Caldeirão seja senciente), porque temos o melhor quarto de Watford.

Vivemos na Casa das Máscaras, no extremo dos terrenos da escola. É um edifício com quatro pisos e meio, de pedra, e o nosso quarto é mesmo lá em cima, numa espécie de torreão que dá para o fosso. O torreão é pequeno para ter mais de um quarto, mas é maior que os outros quartos de alunos. E costumava servir de alojamento para o pessoal, pelo que temos a nossa própria casa de banho.

A verdade é que o Baz é uma pessoa bastante decente para partilhar uma casa de banho. Passa lá toda a manhã, mas é asseado; e não gosta que eu mexa nas coisas dele, por isso tem tudo arrumado. A Penelope diz que a nossa casa de banho cheira a cedro e a tangerina, e deve ser o Baz porque, definitivamente, não sou eu.

Explicar-vos-ia como é que a Penny consegue entrar no nosso quarto — as raparigas são proibidas nos alojamentos dos rapazes e vice-versa — mas a verdade é que ainda não percebi. Acho que pode ser por causa do anel. Já a vi usá-lo para abrir uma caverna, pelo que tudo é possível.

Nº 6 — O Mago

Também pus o Mago nesta lista quando tinha 11 anos. E muitas vezes pensei em tirá-lo.

Por exemplo, no sexto ano, quando ele praticamente me ignorou. Sempre que eu tentava falar-lhe, dizia-me que estava a meio de qualquer coisa importante.

Às vezes, ainda me diz isso. Eu percebo. Ele é o diretor. E é mais do que isso — é o presidente do Coven, pelo que, tecnicamente, é responsável por todo o Mundo dos Mágicos. E além disso, ele não é meu pai. Ele não me é nada...

Mas é o mais parecido que eu tenho de tudo.

O Mago foi o primeiro a ir ter comigo ao mundo Normal e a explicar-me (ou tentar explicar-me) quem eu sou. Ainda cuida de mim, mesmo que eu às vezes não o perceba. E quando tem tempo para mim, para falar a sério comigo, é quando me sinto mais seguro. Luto melhor, quando ele está por

perto. Penso melhor. É como se, quando ele está, eu quase acreditasse no que ele sempre me disse — que sou o mágico mais poderoso que o Mundo dos Mágicos já conheceu.

E que todo esse poder é uma coisa *boa* ou, pelo menos, que o será um dia. Que um dia vou resolver as minhas tretas e solucionar mais problemas do que os que causo.

O Mago também é o único autorizado a contactar-me durante o verão. E lembra-se sempre do meu aniversário, em junho.

Nº 7 — A magia

Não necessariamente a *minha* magia. Essa está sempre comigo e, francamente, não é algo que me conforte muito.

Do que sinto a falta, quando não estou em Watford, é de simplesmente *estar* rodeado de magia. Um ambiente casual e mágico. Pessoas a lançar feitiços nos corredores e nas aulas. Alguém a fazer um prato de salsichas deslizar pela mesa do refeitório como se ressaltasse sobre arames.

O Mundo dos Mágicos não é, de facto, um mundo. Não temos cidades. Nem sequer bairros. Os mágicos sempre viveram entre os mundanos. Assim é mais seguro, segundo a mãe da Penelope; impede que nos afastemos demasiado do resto do mundo.

As fadas fizeram isso, diz ela. Cansaram-se de lidar com as outras pessoas e foram para os bosques durante alguns séculos. E, depois, não conseguiram encontrar o caminho de volta.

O único sítio onde os mágicos vivem juntos, a não ser que sejam da mesma família, é em Watford. Existem alguns clubes sociais de mágicos, assim como festas e encontros anuais — esse género de coisas. Mas Watford é o único sítio onde estamos sempre juntos. Por isso é que começam todos a formar casais, como se estivessem doidos, quando chegam aos últimos anos. Se não encontrares o teu parceiro em Watford, diz a Penny, podes acabar sozinho — ou ir a excursões de solteiros à Inglaterra Mágica quando tiveres 32 anos.

Não sei porque é que a Penny está, sequer, preocupada com isso; tem um namorado na América desde o quarto ano. (Foi estudante de intercâmbio em Watford.) O Micah joga basebol e tem um rosto tão simétrico que é possível convocar um demónio em cima dele. Falam por videoconferência quando ela está em casa e, quando está na escola, ele escreve-lhe quase todos os dias.

«Pois», diz-me ela, «mas ele é *americano*. Eles não veem o casamento da mesma maneira que nós. É bem capaz de me trocar por qualquer Normal

bonita que conheça em Yale. A mãe diz que a nossa magia está a esvair-se — sangrando através de casamentos americanos irrefletidos.»

A Penny cita a mãe com a mesma frequência com que eu a cito a ela. Estão ambas a ser paranoicas. O Micah é um tipo sério. Vai casar com a Penelope — e depois vai querer levá-la para a América. Com *isso* é que devíamos estar todos preocupados.

Continuando...

Magia. Sinto falta da magia quando não estou em Watford.

Quando estou sozinho, a magia é algo de pessoal. O meu fardo, o meu segredo.

Em Watford, contudo, a magia é o ar que respiramos. É o que faz de mim parte de algo maior, e não o que me distingue.

Nº 8 — Ebb e as cabras

Comecei a ajudar a Ebb, a pastora, durante o meu segundo ano em Watford. E, durante algum tempo, andar com as cabras foi a minha atividade favorita. (O que divertia imenso o Baz.) A Ebb é a pessoa mais simpática de Watford. Mais jovem que os professores. E surpreendentemente poderosa, para alguém que decidiu passar a vida a guardar cabras.

— O que é que ser poderoso tem a ver seja com o que for? — pergunta a Ebb. — As pessoas também não são obrigadas a jogar caixotedolixobol só por serem altas.

— Queres dizer basquetebol? (Vivendo em Watford, a Ebb está um pouco alheada.)

— Vai dar ao mesmo. Não sou um soldado. Não sei porque haveria de lutar para ganhar a vida, só porque sou boa a dar murros.

O Mago diz que somos todos soldados, cada um de nós com uma onça de magia. É isso que é perigoso nos métodos antigos, diz ele — os mágicos seguiam, cantando e rindo, e fazendo o que lhes apetecia, tratando a magia como um brinquedo ou um direito, e não como algo que tinham de proteger.

A Ebb não tem um cão para a ajudar com as cabras. Só o seu bordão. Já a vi fazer o rebanho inteiro virar só com um aceno de mão. Ela começou a ensinar-me — como fazer regressar as cabras uma a uma; como fazê-las sentirem, todas ao mesmo tempo, que foram demasiado longe. Uma primavera até me deixou ajudar nos partos...

Agora já não tenho muito tempo para passar com a Ebb e as cabras.

Mas deixo-as ficar na minha lista das coisas de que tenho saudades. Só para poder parar um minuto e pensar nelas.

Nº 9 — O Bosque Vacilante

Devia tirar isto da lista.

Que se lixe o Bosque Vacilante.

Nº 10 — Agatha

Se calhar, também devia tirar a Agatha da lista.

Estou a chegar a Watford. Estarei na estação dentro de uns minutos. Alguém terá vindo da escola para me levar...

Costumava deixar a Agatha para o fim. Passava o verão todo sem pensar nela, depois esperava até estar quase em Watford para a deixar voltar à minha mente. Assim não passava o verão todo a convencer-me de que ela era demasiado boa para ser verdade.

Mas agora... Não sei, talvez a Agatha *seja* demasiado boa para ser verdade, pelo menos para mim.

No último período, mesmo antes de eu e a Penny termos sido apanhados pelo Humdrum, vi a Agatha com o Baz no Bosque Vacilante. Acho que pressenti, antes disso, que podia haver alguma coisa entre ambos, mas nunca acreditei que ela me traísse assim — que ultrapassasse *esse* limite.

Não houve tempo para falar com a Agatha depois de a ter visto com o Baz — eu estava demasiado ocupado a ser raptado e depois a fugir. E não pude falar com ela durante o verão, porque não posso falar com ninguém. E agora, não sei... Não sei o que a Agatha é para mim.

Nem sequer sei bem se tive saudades dela.

3

SIMON

Quando chego à estação, não há ninguém à minha espera. Pelo menos, ninguém que eu conheça. Está lá um taxista com ar enfadado, mostrando um cartão onde está escrito *Snow*.

— Sou eu — digo. Ele parece desconfiado. Não pareço muito um beto de uma escola privada, especialmente quando não estou de uniforme. O meu

cabelo é demasiado curto — rapo-o todos os anos no fim do período —, os meus ténis são baratos e não tenho um ar suficientemente *enjoado*; até consigo não revirar os olhos.

— Sou eu — repito. — Quer ver a minha identificação?

Ele suspira e baixa o cartão.

— Se queres ser largado no meio de nenhures, amigo, não vou discutir contigo.

Entro para o banco de trás do táxi e pouso o saco ao meu lado. O taxista liga o motor e o rádio. Fecho os olhos; até nos dias bons enjoo no banco de trás, e hoje não é um dia bom — estou nervoso e a única coisa que comi foi uma barra de chocolate e um saco de batatas fritas de queijo e cebola.

Estou quase a chegar.

Esta é a última vez que faço isto. Voltar a Watford no outono. Ainda voltarei, mas não assim, não será como voltar a casa.

Candle in the Wind está a passar na rádio e o taxista canta ao mesmo tempo.

Vela ao Vento é um feitiço perigoso. Os rapazes da escola dizem que pode ser usado para nos dar mais... estão a ver... *vigor*. Mas se enfatizarmos a sílaba errada, acabamos por atear um incêndio que não conseguimos apagar. Um incêndio real. Eu nunca o tentaria, mesmo que precisasse; nunca fui bom com duplos sentidos.

O carro acerta num buraco da estrada e eu salto para a frente, segurando-me ao assento.

— Põe o cinto — diz o motorista bruscamente.

Obedeço, olhando em volta. Já saímos da cidade e entrámos no campo. Engulo em seco e encosto os ombros ao banco.

O taxista recomeça a cantar, agora mais alto — «*never knowing who to turn to*» —, como se estivesse mesmo a sentir a canção. Penso em mandá-lo pôr o cinto.

O carro cai noutra buraco e a minha cabeça quase bate no teto. Estamos numa estrada de terra. Este não é o caminho habitual para Watford.

Relanceio o taxista pelo espelho. Alguma coisa está errada — tem a pele verde-escura e os lábios vermelhos como carne crua.

Depois olho para ele ali, sentado à minha frente. É só um taxista. Dentes tortos, nariz achatado. A cantar Elton John.

Novamente pelo espelho: pele verde. Lábios vermelhos. Lindo como uma estrela *pop*. Um *duende*.

Não espero para ver o que está a tramar. Ponho a mão na anca e começo

a murmurar o encantamento da Espada dos Magos. É uma arma invisível — mais do que invisível, na verdade. Nem sequer está ali até se dizerem as palavras mágicas.

O duende ouve-me e os nossos olhos encontram-se no espelho. Ele sorri e mexe no casaco.

Se o Baz estivesse aqui, tenho a certeza de que faria uma lista de todos os feitiços que eu podia usar neste momento. Deve haver alguma coisa em francês que resulta perfeitamente. Porém, assim que a espada surge na minha mão, cerro os dentes e espeto-a através do banco da frente, arrancando a cabeça do duende que está a virar-se para mim — e também o encosto da cabeça. *Voilà.*

Ele continua a conduzir por um segundo; depois o volante enlouquece. Graças à magia, não existe qualquer barreira entre nós — desafivelo o cinto e mergulho por cima do banco (e do lugar onde estivera a cabeça do duende) para segurar o volante. Ele ainda deve ter o pé no acelerador: já saímos da estrada e continuamos a acelerar.

Tento voltar à estrada, mas a verdade é que não sei conduzir. Viro o volante para a esquerda e a lateral do táxi bate numa cerca de madeira. O *airbag* abre-se na minha cara e eu voo para trás, enquanto o carro bate em qualquer coisa, provavelmente mais cerca. Nunca pensei morrer *assim...*

O táxi para antes de eu descobrir uma maneira de me salvar.

Metade do meu corpo está no chão e bati com a cabeça, primeiro na janela e depois no assento. Quando, mais tarde, conto isto à Penny, omito a parte em que tirei o cinto de segurança.

Estendo o braço por cima da cabeça e sacudo o puxador da porta. A porta abre-se e eu caio para fora do carro, de costas na relva. Ao que parece, atravessámos a cerca e derrapámos num campo. O motor ainda trabalha. Ponho-me de pé, gemendo, depois estendo o braço pela janela do condutor e desligo-o.

Aquilo é um espetáculo. O *airbag* está coberto de sangue. E o corpo. E eu.

Revisto o casaco do duende mas só encontro um pacote de pastilhas e uma faca de alcatifas. Não parece trabalho do Humdrum — não há comichão, nenhum sinal dele no ar. Inspiro profundamente para me certificar.

Provavelmente, foi só mais uma vingança. Os duendes perseguem-me desde que ajudei o Coven a expulsá-los de Essex. (Andavam a devorar bêbedos nas casas de banho das discotecas, e o Mago temia que se perdesse o calão regional.) Acho que o duende que conseguir dar cabo de mim será o rei.

Mas este não terá uma coroa. A lâmina da minha espada está cravada

no banco ao lado dele; arranco-a e faço-a desaparecer outra vez na minha anca. É então que me lembro do saco e pego também nele, limpando sangue dos fundilhos das calças de treino cinzentas antes de o abrir para tirar de lá a minha varinha. Não posso deixar ali aquela trapalhada, e não me parece que valha a pena guardar provas.

Seguro a varinha por cima do táxi e sinto a magia a esforçar-se por me chegar à pele.

— Ajuda-me — sussurro. — ***Fora, fora, maldito sítio!***

Já vi a Penelope usar este encantamento para se livrar de coisas indízi-veis. Mas, comigo, o único resultado é limpar-me algum sangue das calças. Acho que já é alguma coisa.

A magia está a crescer no meu braço — tão espessa que fico com os dedos trémulos.

— Vá lá — digo, apontando. — ***Leva isto daqui!***

Saem faíscas da varinha e da ponta dos meus dedos.

— Porra, vá lá... — Sacudo o pulso e volto a apontar. Reparo na cabeça do duende, na relva perto dos meus pés, novamente verde. Os duendes são demónios formosos. (A maioria dos demónios está em excelente forma.) — Calculo que tenhas comido o taxista — digo, pontapeando a cabeça na direção do carro. O meu braço parece estar a arder.

— ***Desaparece!*** — grito.

Sinto uma vaga quente do chão até às pontas dos dedos, e o táxi desaparece. E a cabeça desaparece. E a cerca desaparece. E a estrada...

* * *

Uma hora depois, suado e ainda coberto de sangue seco de duende e daquela poeira que sai dos *airbags*, vejo finalmente os edifícios da escola lá em cima. (Só uma parte daquele caminho de terra é que tinha desaparecido e aquilo nem sequer era bem uma estrada. Só tive de voltar à estrada principal e segui-la até aqui.)

Todos os Normais pensam que Watford é um colégio interno extremamente exclusivo. O que, acho eu, até é. Os campos estão revestidos de encantamentos. A Ebb contou-me uma vez que vamos lançando novos feitiços sobre a escola à medida que os desenvolvemos. Daí termos várias camadas de proteção. Aos Normais, essa magia toda arde-lhes nos olhos.

Subo até ao alto portão de ferro — lá em cima está escrito ESCOLA WATFORD — e pouse a mão nas barras para que sintam a minha magia.

Normalmente, não era preciso mais nada. Os portões abriam-se para todos os que fossem mágicos. Até há uma inscrição na barra horizontal — A MAGIA SEPARA-NOS DO MUNDO; QUE NADA NOS SEPARE UNS DOS OUTROS.

— É uma ideia agradável — disse o Mago quando apelou ao Coven para que houvesse melhores defesas — mas é melhor não acatarmos ordens de segurança de um portão com seiscentos anos. Não espero que as pessoas que vêm a minha casa obedeçam a tudo o que está bordado a ponto cruz nas almofadas.

Eu estava no encontro do Coven, com a Penelope e a Agatha. (O Mago quis que estivéssemos lá, para mostrar o que estava em jogo. «As crianças! O futuro do nosso mundo!») Eu não ouvi o debate todo. A minha cabeça divagou, pensando onde é que o Mago realmente vivia e se alguma vez eu seria convidado a ir lá. Era difícil imaginá-lo com uma casa, menos ainda com almofadas bordadas. Ele tem aposentos em Watford, mas desaparece semanas seguidas. Quando era mais novo, pensava que o Mago vivia nos bosques quando não estava connosco, comendo frutos secos e bagas e dormindo em tocas de texugos.

A segurança no portão de Watford e ao longo dos muros exteriores torna-se todos os anos mais rigorosa.

Um dos Homens do Mago — Premal, o irmão da Penelope — está hoje de sentinela à entrada. Ele deve estar enfadado com a tarefa. O resto da equipa do Mago está provavelmente lá em cima, no seu gabinete, planeando a próxima ofensiva, e o Premal ali em baixo, a receber os alunos dos primeiros anos. Ele para diante de mim.

— Tudo bem, Prem?

— Acho que eu é que devia fazer-te essa pergunta...

Baixo o olhar para a minha t-shirt ensanguentada.

— Um duende — explico.

O Premal acena com a cabeça e aponta-me a sua varinha, murmurando um feitiço de limpeza. Ele é tão poderoso como a Penny. Consegue lançar feitiços quase sem falar.

Detesto quando as pessoas me lançam feitiços de limpeza; faz-me sentir uma criança. Mesmo assim, agradeço-lhe antes de começar a afastar-me.

O Premal detém-me com um braço.

— Espera aí um minuto — diz, levantando a varinha para a minha testa. — Hoje há procedimentos especiais. O Mago diz que o Humdrum anda a mostrar-se por aí com uma cara igual à tua.

Estremeço, mas tento não fugir da sua varinha.

— Pensava que isso era segredo.

— Pois — concordou ele. — Um segredo que as pessoas como eu têm de conhecer para te protegerem.

— Se eu fosse o Humdrum — replico —, já te podia ter comido.

— Talvez seja isso que o Mago tem em mente — responde o Premal. — Pelo menos, assim teríamos a certeza de que era ele. — Deixa tombar a varinha. — Estás limpo. Segue.

— A Penelope está cá?

Ele encolhe os ombros.

— Não sou guardião da minha irmã.

Por um segundo, acho que o diz com ênfase, com magia, lançando um feitiço, mas ele afasta-se de mim e encosta-se ao portão.

* * *

Não está ninguém cá fora, no Grande Relvado. Devo ser um dos primeiros alunos a regressar. Começo a correr, só porque posso, perturbando um bando de andorinhas escondidas na relva. Estas dispersam-se em redor de mim, guinchando, e eu continuo a correr. Sobre o Relvado, sobre a ponte levadiça, passando outro muro e o segundo e o terceiro conjuntos de portões.

Watford situa-se aqui desde o século XVI. Tem a disposição de uma cidadela — campos e bosques fora de muros, edifícios e pátios no interior. À noite, a ponte é levantada e nada atravessa o fosso e os portões interiores.

Não paro de correr até estar no topo da Casa das Máscaras, encostado à minha porta. Pego na Espada dos Magos e uso-a para picar a almofada do polegar, premindo-o na pedra. Existe um encantamento para fazer isto, para me rerepresentar ao quarto depois de tantos meses fora — mas o sangue é mais rápido e mais seguro, e o Baz não está ali, por isso não pode cheirá-lo. Ponho o polegar na boca e empurro a porta, sorrindo.

O meu quarto. Voltará a ser o nosso quarto dentro de alguns dias, mas por enquanto é meu. Vou até às janelas e abro uma. O ar fresco tem um cheiro ainda mais doce, agora que estou cá dentro. Abro a outra janela, ainda a chuchar no polegar, e observo os grãos de poeira a rodopiar à brisa e à luz do sol, voltando depois a cair na minha cama.

O colchão é antigo — recheado de penas e preservado com feitiços — e eu afundo-me nele. *Merlin*. Por Merlin, Morgana e Matusalém, é bom estar de volta. É sempre tão bom estar de volta.

A primeira vez que voltei para Watford, no segundo ano, saltei imediatamente para a cama e chorei como um bebé. Ainda estava a chorar quando o Baz chegou. «*Porque é que* já estás a chorar?», resmungou ele. «Arruinaste os meus planos de te levar às lágrimas.»

Agora fecho os olhos e inspiro todo o ar que consigo:

Penas. Pó. Alfazema.

Água, do fosso.

E o cheiro ligeiramente acre que o Baz diz que é dos lobos-sereia. (Nunca se pode deixar o Baz começar a falar dos lobos-sereia; por vezes ele debruça-se da janela e cospe para o fosso, só para os irritar.)

Se ele já estivesse aqui, eu não conseguiria cheirar quase nada por causa do seu sabonete chique... Agora inspiro profundamente, tentando detetar um vestígio de cedro.

Há um estalido na porta, e levanto-me de um salto, pondo a mão sobre a anca e convocando novamente a Espada dos Magos. Já é a terceira vez hoje; se calhar, era melhor deixá-la cá fora. Este encantamento é o único que me sai sempre bem, talvez por não ser como os outros. É mais uma súplica: «*Em justiça. Em coragem. Em defesa dos fracos. Em face dos poderosos. Através da magia, da sabedoria e do bem.*»

Ela não *tem* de aparecer.

A Espada dos Magos é minha, mas não pertence a ninguém. Não aparece se não confiar em nós.

O punho materializa-se na minha mão fechada, e eu ergo a espada para o ombro no momento em que a Penelope abre a porta.

Deixo tombar a espada.

— Não sei como consegues fazer isso — digo.

Ela encolhe os ombros e estende-se na cama do Baz.

Sinto-me sorrir.

— Nem sequer devias conseguir atravessar a porta da frente.

A Penelope encolhe os ombros outra vez e puxa a almofada do Baz para debaixo da cabeça.

— Se o Baz descobre que tocaste na cama dele — digo —, mata-te.

— Ele que tente.

Torço um pouco o pulso e a espada desaparece.

— Estás com um aspeto horrível — diz ela.

— Encontrei-me com um duende no caminho para cá.

— Eles não podiam simplesmente *votar* para eleger o próximo rei?

Fala em tom ligeiro, mas percebo que está a avaliar-me. Da última vez

que me viu, eu era um monte de feitiços e farrapos. Da última vez que eu vi a Penny, estava tudo a desmoronar-se...

Tínhamos acabado de escapar ao Humdrum, fugido para Watford e irrompido na Capela Branca a meio da cerimónia do fim do ano — a pobre Elspeth estava a receber um prémio por oito anos de assiduidade perfeita. Eu ainda sangrava (pelos poros, ninguém percebia porquê). A Penny chorava. A família dela estava ali — porque as famílias de toda a gente estavam ali — e a mãe dela começou a gritar com o Mago. «Olha para eles — a culpa é tua!» E então o Premal meteu-se no meio deles e começou também a gritar. As pessoas pensaram que o Humdrum devia estar mesmo atrás de mim e da Penny e começaram a correr para fora da Capela com as varinhas nas mãos. Era o meu caos típico de final de ano cem vezes pior, e parecia muito mais do que apenas caótico. Parecia o fim.

Então a mãe da Penelope fez um feitiço que levou dali toda a família, incluindo o Premal. (Deve ter sido só até ao carro, mas mesmo assim foi bastante dramático.)

Nunca mais tinha falado com a Penny.

Parte de mim quer agarrá-la e apalpá-la da cabeça aos pés, só para ver se está inteira — mas a Penny detesta cenas tanto quanto a mãe as adora. «Não digas olá, Simon», costuma ela dizer. «Porque depois teremos de dizer adeus e eu detesto despedidas.»

O meu uniforme está estendido ao fundo da cama e começo a arrumá-lo, peça por peça. Calças novas, cinzentas. Uma gravata nova às riscas verdes e púrpura...

A Penelope suspira sonoramente atrás de mim. Volto para a minha cama e deito-me, olhando-a nos olhos, tentando não abrir um sorriso de orelha a orelha.

Ela fez um beicinho.

— O que é que já pode ter-te irritado? — pergunto.

— A *Trixie* — suspira. É a companheira de quarto. A Penny diz que trocaria a *Trixie* por uma dúzia de vampiros velhacos e intriguistas. Sem pensar duas vezes.

— Que fez ela?

— Voltou.

— Esperavas que não voltasse?

A Penny ajeita a almofada do Baz.

— Todos os anos ela volta mais maníaca do que era no ano anterior. Primeiro transformou o cabelo num tufo de dente-de-leão, depois chorou quando o vento o levou.

Rio-me.

— Em defesa da Trixie — digo —, ela é meio elfo. E todos os elfos são um pouco maníacos.

— Oh, ela sabe bem disso. E juro que o usa como desculpa. Não consigo sobreviver a mais um ano com ela. Sou bem capaz de transformar a cabeça dela num dente-de-leão e soprar.

Engulo outra gargalhada e esforço-me muito por não lhe sorrir radiosamente. Pelas Grandes Serpentes, é bom voltar a vê-la.

— É o teu último ano — digo. — Hás de conseguir.

Os olhos da Penny ficam sérios.

— É o *nosso* último ano — corrige. — Adivinha o que vais estar a fazer no próximo verão.

— O quê?

— A andar por aí comigo.

Solto o meu sorriso.

— A caçar o Humdrum?

— Que se lixe o Humdrum — diz ela.

Ambos nos rimos, e eu faço uma espécie de careta, porque o Humdrum é mesmo parecido comigo — uma versão de mim aos 11 anos. (Se a Penny não o tivesse visto também, pensaria que tinha tido uma alucinação.)

Estremeço.

A Penny vê.

— Estás demasiado magro — diz.

— É do fato de treino.

— Então muda de roupa.

Ela já o fez. Está com a saia de pregas cinzenta do uniforme e uma camisola vermelha.

— Vá lá — diz ela. — Está quase na hora do chá.

Sorriu de novo e saltou da cama, pegando num par de calças de ganga e numa camisola roxa que diz WATFORD LACROSSE. (A Agatha joga.)

A Penny segura-me o braço quando passo pela cama do Baz a caminho da casa de banho.

— É bom ver-te — sussurra.

Sorrio. Outra vez. A Penny faz-me doer as bochechas.

— Não faças uma cena — sussurro em resposta.

4

PENELOPE

Demasiado magro. Ele parece demasiado magro.

E algo pior... raspado.

O Simon tem sempre melhor aspeto depois de alguns meses com o regime de rosbife de Watford. (E pudim de Yorkshire e chá com demasiado leite. E salsichas gordurosas. E *scones* recheados.) Tem os ombros largos e o nariz largo, por isso, quando emagrece muito, a pele pendelhe das bochechas.

Já me habituei a vê-lo assim tão magro, todos os outonos. Mas, desta vez, hoje, é pior.

A cara dele parece gretada. Os olhos estão vermelhos e a pele em torno deles parece áspera e manchada. As mãos também estão vermelhas e, quando ele cerra os punhos, os nós dos dedos ficam brancos.

Até o sorriso dele é horrível. Demasiado grande e vermelho para a sua cara.

Não consigo olhá-lo nos olhos. Seguro-lhe a manga quando ele se aproxima, e fico aliviada por ele continuar a andar. Se não o fizesse, talvez eu não o largasse. Era capaz de o agarrar e prender e fazer um feitiço para que fôssemos, os dois, para o mais longe possível de Watford. Poderíamos voltar depois de estar tudo acabado. O Mago, os Pitch e o Humdrum e todos os outros que travem as guerras em que parecem ter os seus corações concentrados.

Eu e o Simon podíamos arranjar um apartamento em Anchorage. Ou Casablanca. Ou Praga.

Eu passaria o tempo a ler e a escrever. Ele, a dormir e a comer. E ambos chegaríamos vivos ao fim dos 19 anos. Talvez até dos 20.

Era capaz de fazer isso. De o levar — se não acreditasse que ele é o único que pode fazer uma diferença aqui.

Se eu roubasse o Simon e o mantivesse seguro...

Não tenho a certeza de que existisse um Mundo de Mágicos ao qual regressar.

5

SIMON

Praticamente, temos o refeitório só para nós.

A Penelope senta-se à mesa com os pés numa cadeira. (Porque gosta de fingir que não se rala.)

Há alguns miúdos mais novos, do primeiro e do segundo anos, do outro lado do refeitório, a tomar chá com os pais. Reparo que todos eles, crianças e adultos, tentam fitar-me. Os miúdos habituar-se-ão a mim daqui a algumas semanas mas, para os pais, é a única oportunidade de me verem bem.

A maioria dos mágicos sabe quem eu sou. A maioria deles sabia que eu viria para aqui ainda antes de eu próprio o saber; existe uma profecia relacionada comigo — algumas profecias, na verdade —, acerca de um mágico superpoderoso que chegará para consertar tudo.

E alguém virá para acabar connosco.

E alguém causará a sua queda.

Que o mais grandioso poder dos poderes reine,

Que este nos salve a todos.

O Supremo Mago. O Escolhido. O Poder dos Poderes.

É estranho acreditar-se que esse gajo vou ser eu. Mas também não o posso negar. Quer dizer, mais ninguém tem um poder como o meu. Nem sempre o consigo controlar, mas existe.

Acho que, quando apareci em Watford, as pessoas tinham, de certa forma, desistido das velhas profecias. Ou começavam a pensar que o Supremo Mago chegara e partira sem ninguém dar conta.

Julgo que *ninguém* esperava que o Escolhido viesse do mundo Normal — de entre os mundanos.

Nunca um mago nascera entre os Normais.

Mas eu devo ter nascido, porque os mágicos não abandonam os filhos. Não existem órfãos mágicos, diz a Penny. A magia é demasiado preciosa.

O Mago não me contou isso tudo quando me foi buscar. Eu não sabia que era o primeiro Normal a tornar-se mágico, nem o mais poderoso mágico de que se ouvira falar. Nem que muitos mágicos — especialmente os inimigos

do Mago — achavam que ele estava a inventar-me, uma espécie de truque de prestidigitação político. Um cavalo de Troia de 11 anos, com calças de ganga largueironas e a cabeça rapada.

Quando cheguei a Watford pela primeira vez, algumas das Famílias Antigas queriam que eu fizesse visitas, para conhecer toda a gente importante, para poderem verificar-me pessoalmente. Para me inspecionarem. Mas o Mago não foi na conversa. Ele diz que a maioria dos mágicos está tão embrenhada nas suas intrigas e lutas de poder mesquinhas que perdem de vista o contexto geral. «Não quero que te tornes o peão de ninguém, Simon.»

Agora estou contente por ele ter sido tão protetor. Teria sido agradável conhecer mais mágicos e sentir-me mais parte de uma comunidade, mas fiz os meus próprios amigos — e fi-los quando éramos muito jovens e nenhum deles estava excessivamente ralado com o meu Grandioso Destino.

Quando muito, o meu estatuto de celebridade foi um obstáculo a fazer amigos em Watford. Toda a gente sabe que, à minha volta, as coisas tendem a explodir. (No entanto, ainda não explodiu qualquer *pessoa*, e isso é alguma coisa.)

Ignoro os olhares das outras mesas e ajudo a Penelope a trazer o nosso chá.

Se bem que frequentemos um colégio interno exclusivo — com a sua própria catedral e o seu próprio fosso —, em Watford ninguém é mimado. Somos nós que fazemos as limpezas e, depois do quarto ano, também tratamos da roupa. Temos permissão para usar a magia nestas tarefas, mas normalmente não o faço. Quem faz a comida é a Cozinheira Pritchard, com alguns ajudantes, e nós fazemos turnos para servir as refeições. Ao fim de semana, é cada um por si.

A Penelope arranja-nos uma travessa de sandes de queijo e uma montanha de *scones* quentes, e eu despedaço meio pacote de manteiga. (Como os meus *scones* com grandes fatias de manteiga, por isso esta derrete por fora mas fica fria no meio.) A Penny olha para mim como se eu fosse ligeiramente repugnante, mas também como se tivesse sentido a minha falta.

— Conta-me como foi o teu verão — peço entre dentadas.

— Foi bom — responde ela. — Mesmo bom.

— Sério? — Voam-me migalhas da boca.

— Fui a Chicago com o meu pai. Ele fez lá alguma pesquisa num laboratório e eu e o Micah ajudámos. — Ela descontrai assim que menciona o nome do namorado. — O espanhol do Micah é espantoso. Ensinou-me

tantos feitiços novos — acho que, se eu estudasse mais a língua, seria capaz de os lançar como uma nativa.

— Como está ele?

A Penelope cora e dá uma dentada na sandes, para não ter de responder imediatamente. Só estive uns meses sem a ver, mas ela está diferente. Parece mais adulta.

As raparigas em Watford não são obrigadas a usar saias, mas ela e a Agatha gostam de o fazer. A Penny usa-as curtas, com pregas, normalmente com meias até ao joelho, com um padrão de losangos nas cores da escola. Os sapatos são daqueles pretos com fivelas, como os da Alice no País das Maravilhas.

A Penny sempre pareceu mais nova do que é — tudo nela é redondo e feminino, é bochechuda e tem pernas grossas e covinhas nos joelhos — e o uniforme fá-la parecer ainda mais nova.

Mesmo assim... ela mudou este verão. Começa a parecer uma mulher em roupas de menina.

— O Micah está bem — responde finalmente, puxando o cabelo escuro para trás das orelhas. — Nunca tínhamos passado tanto tempo juntos desde que ele esteve aqui.

— Então, o friozinho na barriga não desapareceu?

Ela ri-se.

— Não. Quando muito, pareceu-me... real. Pela primeira vez.

Não sei o que dizer, por isso tento sorrir-lhe.

— *Ugh* — diz ela. — Fecha a boca.

Eu fecho.

— Então, e tu? — pergunta a Penny. Percebo que esteve à espera para me interrogar e não pode esperar nem mais um minuto. Olha em volta e inclina-se para a frente. — Podes dizer-me o que aconteceu?

— O que aconteceu, quando?

— Este verão.

Encolho os ombros.

— Não aconteceu nada.

Ela recosta-se, suspirando.

— Simon, não tive culpa de ir para a América. Tentei ficar.

— Não. O que quero dizer é *não há nada* para contar. Tu partiste. Toda a gente partiu. Eu voltei para a instituição. Liverpool, desta vez.

— Queres dizer que o Mago, muito simplesmente... te mandou embora? Depois de tudo? — A Penelope parece confusa. Não a censuro.

Eu acabara de escapar de um rapto, e a primeira coisa que o Mago fez foi mandar-me fazer as malas.

Pensei, quando eu e a Penny contámos ao Mago o que acontecera, que ele quisesse ir imediatamente atrás do Humdrum. Nós sabíamos onde o monstro estava; conhecíamos, finalmente, a sua aparência!

O Humdrum ataca Watford desde que eu estou cá. Envia criaturas tenebrosas. Esconde-se de nós. Deixa um rasto de pontos mortos na atmosfera mágica. E, finalmente, tínhamos uma *pista*.

Eu queria encontrá-lo. Queria castigá-lo. Queria acabar com aquilo, de uma vez por todas, lutando ao lado do Mago.

A Penelope aclara a garganta. Devo parecer tão perdido quanto me sinto.

— Falaste com a Agatha? — pergunta-me.

— A Agatha? — Barro manteiga noutra *scone*. Já está frio, e a manteiga não derrete. A Penny estende a mão direita e a grande pedra púrpura no seu dedo brilha à luz do sol:

— **Quanto mais quente, melhor!**

É um desperdício de magia. Ela está sempre a desperdiçar magia comigo. A manteiga derrete no *scone*, que agora está a fumer, e eu tenho de o passar de uma mão para a outra.

— Sabes que a Agatha não tem autorização para falar comigo durante o verão.

— Pensei que, desta vez, ela arranjasse uma maneira — diz a Penelope. — Medidas especiais, para tentar explicar-se.

Desisto do *scone* demasiado quente e ponho-o no prato.

— Ela nunca desobedeceria ao Mago. Nem aos pais.

A Penny fica só a olhar para mim. A Agatha também é amiga dela, mas a Penelope é muito mais crítica em relação a ela do que eu. Não é tarefa minha, ser crítico da Agatha; a minha tarefa é ser namorado dela.

A Penny suspira e desvia o olhar, pontapeando a cadeira.

— Então, é assim? Nada? Nenhum progresso? Só mais um verão? Que devemos fazer agora?

Normalmente, sou eu que pontapeio coisas, mas passei o verão todo aos pontapés a paredes — e a toda a gente que me olhasse de esguelha.

— Regressar às aulas, julgo eu.

* * *

A Penelope está a evitar o seu quarto.

Diz que a namorada da Trixie também regressou mais cedo e que elas não têm noção dos limites.

— Já te disse que a Trixie mandou furar as orelhas este verão? Anda com uns sinos enormes e barulhentos nas partes pontiagudas.

Por vezes penso que os problemas da Penny com a Trixie são puro especismo.

— Para ti, é fácil falar — diz ela, outra vez estendida na cama do Baz. — Não vives com um elfo.

— Vivo com um vampiro! — replico.

— Não está confirmado.

— Estás a dizer que achas que o Baz não é um vampiro?

— Eu sei que é um vampiro — responde. — Mas ainda não está confirmado. Até agora, nunca o vimos beber sangue.

Estou sentado no parapeito e um pouco debruçado sobre o fosso, segurando-me ao trinco da janela aberta. Desdenho dela:

— Já o vimos coberto de sangue. Encontrámos pilhas de ratazanas secas e enrugadas, com marcas de presas nas Catacumbas... Já te disse que ele fica com as bochechas mesmo cheias quando tem um pesadelo? Como se a boca dele se enchesse com mais dentes?

— Provas circunstanciais — diz a Penny. — E ainda não percebo porque temes um vampiro que tem terrores noturnos.

— Vivo com ele! Tenho de me manter alerta.

Ela revira os olhos.

— O Baz nunca te magoará no vosso quarto.

Ela tem razão. Ele não pode. Os nossos quartos têm um feitiço contra a traição — o Anátema do Companheiro de Quarto. Se o Baz fizer alguma coisa para me magoar fisicamente no nosso quarto, será atirado para fora da escola. O pai da Agatha, o Dr. Wellbelove, disse que isso aconteceu uma vez quando ele estava na escola. Um miúdo deu um soco no seu colega de quarto, foi sugado através de uma janela e aterrou do outro lado do portão da escola. Este nunca mais se abriu para ele.

Quando somos pequenos, recebemos avisos: durante os primeiros dois anos, se tentarmos bater ou magoar o nosso colega de quarto, ficamos com as mãos frias e rígidas. Uma vez, no primeiro ano, atirei um livro ao Baz e a minha mão demorou três dias a descongelar.

O Baz nunca violou o Anátema. Nem quando éramos miúdos.

— Sabe-se lá o que pode fazer quando está a dormir — digo.

— Tu sabes — disse a Penny. — De tanto que o vigias.

— Vivo com uma criatura tenebrosa. Tenho o direito de ser paranoico!

— Eu trocava o meu elfo pelo teu vampiro sem hesitar. Não há Anátema que impeça alguém de ser letalmente irritante.

Eu e a Penny voltamos ao refeitório para jantar — batatas-doces assadas, salsichas e pãezinhos brancos e duros — e levamos tudo para o meu quarto. Nunca andamos assim juntos quando o Baz cá está. Ele denunciá-la-ia.

Parece uma festa. Só nós os dois, sem nada para fazer. Ninguém de quem tenhamos de nos esconder ou com quem lutar. A Penelope diz que será assim um dia, quando partilharmos um apartamento... Mas isso não vai acontecer. Ela irá para a América assim que a guerra acabar. Talvez até vá antes.

E eu vou arranjar um apartamento com a Agatha.

Eu e a Agatha vamos resolver o que quer que esteja a passar-se; é o que fazemos sempre. Nós fazemos sentido juntos. Provavelmente, vamos casar-nos depois da escola — foi quando os pais dela se casaram. Eu sei que ela quer uma casa no campo... eu não tenho dinheiro para nada disso, mas ela tem, e arranjará um emprego que a faça feliz. E o pai dela vai ajudar-me a arranjar trabalho, se eu lho pedir.

É agradável pensar nisto: em viver o tempo suficiente para ter de perceber o que fazer comigo mesmo.

Assim que a Penelope acaba de jantar, esfrega as mãos.

— Muito bem — diz.

Eu resmungo.

— Ainda não.

— Que queres dizer com isso?

— Quero dizer que não começemos já a definir estratégias. Ainda agora chegámos. Ainda me estou a instalar.

Ela olha em volta do quarto.

— Que há para instalar, Simon? Já tiraste da mala os teus dois pares de calças de treino.

— Estou a desfrutar da paz e do sossego. — Estendo a mão para o prato dela, para acabar com as salsichas que ela deixou.

— Aqui não há paz — diz ela. — Só sossego. Isto põe-me nervosa. Precisamos de um plano.

— Há paz. O Baz não está cá e, olha. — Sacudo o garfo dela no ar. — Não há nada a atacar-nos.

— Diz o homem que acabou de dar cabo de um duende. *Simon* — diz

ela. — Lá porque estivemos fora dois meses, isso não quer dizer que a guerra tenha feito um intervalo.

Volto a resmungar.

— Já pareces o Mago — digo, com a boca cheia.

— Nem consigo acreditar que ele te ignorou o verão inteiro.

— Deve estar muito ocupado com a «guerra».

A Penny suspira e entrelaça os dedos. Está à espera que eu me torne razoável.

Vou fazê-la esperar.

A guerra.

Não vale a pena falar acerca da *guerra*. Esta chegará aqui bastante depressa. Nem sequer é uma guerra: são duas ou três — a guerra civil que está a fervilhar, as hostilidades com as criaturas negras que sempre existiu, o Humdrum, o raio que este seja —, e todas acabarão por encontrar o caminho para a minha porta...

— Muito bem — repete a Penny. E eu devo estar com um ar muito infeliz, porque, em seguida, ela diz: — Calculo que a guerra ainda cá esteja amanhã.

Limpo o prato dela e a Penny ajeita-se confortavelmente na cama do Baz e eu nem a repreendo por causa disso. Recosto-me na minha cama, ouvindo-a falar de aviões, de supermercados e da grande família do Micah.

Adormece enquanto me fala de uma canção que ouviu, uma canção que ela acha que um dia será um encantamento, embora eu não consiga perceber qualquer utilidade em «Call me maybe».

— Penelope? — Ela não responde. Debruço-me da cama e dou-lhe com a almofada nas pernas — as camas estão muito próximas; o Baz nem teria de se levantar para me matar. Ou vice-versa, julgo eu.

— *Penny.*

— Quê? — diz ela para dentro da almofada do Baz.

— Tens de voltar para o teu quarto.

— Não quero.

— Mas tens de ir. O Mago suspende-te se fores apanhada aqui.

— Que suspenda. Dava-me jeito algum tempo livre.

Levanto-me e aproximo-me dela. O seu cabelo preto está espalhado sobre a fronha da almofada e os óculos estão comprimidos pela bochecha. A saia subiu e as suas coxas nuas são rechonchudas e parecem macias.

Belisco-a. Ela dá um salto.

— Vá lá — digo-lhe. — Eu levo-te.

A Penny endireita os óculos e a camisa.

— Não. Não quero que vejas como passo pelas proteções.
— Porque não é uma coisa que queiras partilhar com o teu melhor amigo?

— Porque é divertido ver-te a tentar descobrir como faço.

Abro a porta e espreito para as escadas. Não vejo nem ouço ninguém.

— Ótimo — digo, segurando-lhe a porta. — Boa-noite.

A Penny sai.

— Boa-noite, Simon. Até amanhã.

Sorrio. Não consigo deixar de o fazer, é tão bom estar de volta.

— Até amanhã.

Assim que fico sozinho, visto o pijama da escola — o Baz traz o dele de casa, mas eu gosto dos da escola. Não durmo de pijama quando estou nas instituições, nunca dormi. Faz-me sentir, não sei... vulnerável. Visto o pijama e enfio-me na cama, suspirando.

Estas noites em Watford, antes de o Baz chegar, são as únicas noites da minha vida em que durmo a sério.

* * *

Quando acordo, não sei que horas são. O quarto está escuro e há um feixe de luar a atravessar a minha cama.

Julgo ver uma mulher de pé, junto da janela, e ao princípio penso que é a Penny. Depois a figura mexe-se e penso que é o Baz.

Então decido que estou a sonhar e volto a adormecer.

6

LUCY

Há tantas coisas que vos quero contar.

Mas o tempo é curto.

E a minha voz não tem vigor.